

## As pistas da contracultura na poesia de Mário Jorge

### The counterculture clues in Mario Jorge's poetry

Katherine de Albuquerque MENDONÇA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho busca identificar marcas deixadas pelo poeta sergipano Mário Jorge, em suas poesias, que caracterizaram seu fazer poético com traços do movimento de contracultura, uma vez que é possível, por meio da interpretação aberta, detectar pistas nos versos das poesias que trazem características do movimento, direta ou indiretamente. Para isso, serão tomados como base para esse trabalho os estudos de Humberto Eco (2005) acerca dos limites da interpretação e da superinterpretação, considerando a necessidade de desvendar os sentidos do texto a partir das informações deixadas pelo próprio texto, e a teoria da desconstrução elaborada por Jacques Derrida (2002), uma vez que o deslocamento do centro abre espaço para que se estudem novas formas de fazer poesia. Ademais, os estudos elaborados por Maciel (1973) no tocante às questões da contracultura contribuirão com o trabalho, ao considerarmos a relevância de entender o movimento contracultural para que seja possível identificar esses traços na poesia de Mário Jorge.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura sergipana. Contracultura. Mário Jorge.

**ABSTRACT:** The present work seeks to identify marks left by the Sergipe poet Mário Jorge in his poetry that characterized his poetic work with traces of the counterculture movement, since it is possible, through open interpretation, to detect clues in the verses of the poems that bring characteristics of the movement, directly or indirectly. In order to achieve it, the studies by Humberto Eco (2005) about the limits of interpretation and overinterpretation will be taken as a basis for this work, considering the need to unravel the meanings of the text from the information left by the text itself, and the theory of deconstruction elaborated by Jacques Derrida (2002), since the displacement of the center opens space for the study of new ways of making poetry. Furthermore, the studies developed by Maciel (1973) regarding counterculture issues will contribute to this work, when considering the relevance of understanding the countercultural movement so that it is possible to identify these traits in the poetry of Mário Jorge.


**KEYWORDS:** Sergipe literature. Conterculture. Mário Jorge.

### Introdução

Entre a década de 1960 e a década de 1970, um forte movimento tomou conta do mundo, um movimento denominado Contracultura, que tinha por objetivo destronar a cultura ocidental vigente como única forma cultural possível de se seguir. No Brasil, o movimento teve força com o surgimento da Tropicália, movimento literário e de cunho crítico, que utilizava principalmente a música como forma de fazer reflexões acerca das ideias capitalistas que tomavam conta do país.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil. Endereço eletrônico: katherinealbuquerque7@gmail.com. ORCID: 0000-0002-5583-688X.

 <https://doi.org/10.51951/ti.v12i25.p377-386>

Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), n. 25 (vol. 12), p. 377-386, Jan-Abr/2022

Recebido em: 15/01/2022

Aprovado em: 28/03/2022

Dentro desse contexto, Aldeman (2001) em diálogo com os estudos de Maciel (1973) tenta compreender tanto o discurso que existia por trás do movimento contracultural quanto a forma como esse discurso embasava o ideário da contracultura. O discurso underground, que buscava acima de tudo o ideal libertário, embasava o movimento, no sentido de reforçar a necessidade de negar os padrões tradicionais de comportamento, sustentando a ideia de que o estilo de vida adequado deveria ser aquele com o qual os indivíduos se identificassem melhor e não aquele pregado por uma determinada classe social representante da cultura tradicional.

Nesse cenário, o poeta sergipano Mário Jorge aparece como possível representante do movimento, desde a estrutura das suas poesias, seguindo a linha concretista, até o conteúdo da obra, o qual era carregado de crítica às classes dominantes, à cultura vigente e ao estilo de vida estabelecido como correto pelas noções ocidentais de centro. Este trabalho, então, busca compreender se Mário Jorge realmente fez parte do quadro de artistas que representava o movimento contracultural, investigando as pistas deixadas pelas suas poesias, a partir dos estudos de Eco acerca da interpretação e da superinterpretação.

Para tanto, este estudo se desenvolve em quatro momentos. No primeiro momento, será fundamental compreender o que foi o movimento contracultural e conhecer o discurso underground que embasava esse movimento, por meio dos estudos de Luís Carlos Maciel. O segundo momento diz respeito às pistas textuais que serão buscadas a partir dos estudos de Umberto Eco acerca das possibilidades de interpretar um texto, sem, no entanto, passar dos limites possíveis à coerência textual, ou seja, evitando uma superinterpretação. No terceiro momento, entraremos no mérito do discurso como poder de representação e desconstrução, uma vez que o movimento contracultural caminha nesse sentido de desconstruir as noções tradicionais de vida. E no quarto e último momento, serão feitas análises de duas poesias de Mário Jorge, publicadas em seu último livro, *A noite que nos habita*, a fim de detectar nelas as pistas que identifiquem se há ou não características do movimento contracultural em sua obra.

## O discurso underground: movimento contracultural

O discurso underground surgiu no contexto do movimento de contracultura tendo o ideal de liberdade como foco do movimento, uma vez que os adeptos negavam os padrões tradicionais de família, casamento, religião, entre outros, ou seja, o movimento contracultural tinha como princípio pregar um estilo de vida que fosse contrário ao *american way of life* e suas noções capitalistas baseadas no trabalho como meio de adquirir mais qualidade de vida. “A juventude contracultural questionava cada aspecto socio cultural que lhes era apresentado, contestava o padrão da vida industrial, o formato como esta se estabelecia, e buscava a todo custo uma revolução que pudesse trazer sentido à vida” (ZOUAIN, 2019, p. 42). Dessa forma, o discurso underground procura promover uma ruptura com as culturas ocidentais tradicionalmente centradas e, conseqüentemente, com as estruturas tradicionais de vida.

Nesse sentido, é comum conceber o discurso como uma negação da racionalidade, considerando os conceitos de subjetivismo e irracionalismo muito abordados pelo discurso underground, no entanto entende-se esse irracionalismo não como a ausência da racionalidade, mas como a manifestação livre do fluxo de consciência, permitindo que o sentir se sobreponha ao pensamento racionalista. Sendo



assim, não se trata aqui de negar a racionalidade, mas de reinterpretá-la. Maciel (1973), em seus estudos acerca da contracultura, define o movimento como uma postura de base crítica em face da cultura tradicional, uma vez que a cultura ocidental vigente não satisfaz mais às necessidades de todos os grupos.

Com base nisso, o discurso contracultural adotou a resignificação e a resistência para reinterpretar a cultura, resgatando as necessidades reais de grupos que não mais se enxergavam representados pela cultura vigente. Para tanto, era feito um movimento de “recolher o lixo da cultura estabelecida, o que é, pelo menos, considerado lixo pelos padrões vigentes, e curtir esse lixo, levá-lo a sério como matéria prima de criação de uma nova cultura” (MACIEL, 1973, p. 141).

Surge, assim, um novo estilo de vida, uma reformulação da maneira de viver a partir de práticas como viagens, as quais, dentro do contexto contracultural, ganham um novo sentido, ou seja, passam por um processo de resignificação, deixando de indicar apenas deslocamento geográfico, para serem valorizadas no sentido de deslocamento psíquico para dentro do próprio ser. Nessa perspectiva, várias tribos, comunidades, grupos e famílias que possuíam afinidade com essas ideias, juntavam-se para “viajar suas loucuras”.

A imaginação tomou o poder e passou a ser concebida como principal originalidade histórica do movimento contracultural, pois “para a contracultura, a razão humana é simplesmente mais ampla e compreende tanto as imagens dos sentidos quanto os métodos da imaginação e da intuição.” (1973, p. 79). Desse modo, era recriada uma nova concepção de razão que atendessem às expectativas dos grupos marginalizados na história do mundo capitalista ocidental.

Entendendo a contracultura como um movimento da juventude que teve influência no âmbito da produção artística brasileira e explodiu entre as décadas de 1960 e 1970 em todo o mundo, é fácil identificarmos o poeta Mário Jorge dentro desse cenário, no qual que ele publicou seu primeiro livro, *Revolução*, em 1969. Publicado em 1969, esse livro era rico em protestos e críticas à sociedade capitalista e à cultura tradicional. O movimento criou uma onda de rebeldia e desapego material entre os jovens artistas brasileiros que demonstravam suas insatisfações em relação aos valores morais e estéticos da sociedade tanto a partir do modo revolucionário com que se vestiam quanto através das composições musicais marcadamente críticas que eles gravavam. Dentro desse contexto, destacam-se nomes como Gilberto Gil, Caetano Veloso e Tom Zé, representantes do movimento Tropicália, movimento artístico e cultural de protesto contra o sistema capitalista ditatorial e contra a cultura ocidental vigente.

Dentro desse cenário, Mário Jorge não teve muito tempo para melhor expressar suas insatisfações com o mundo em que vivia, por ter morrido tragicamente num acidente de carro. Apesar do pouco tempo de vida, porém, Mário Jorge registrava, em seus cadernos, por meio de poesias concretistas, toda a crítica ao sistema, críticas que foram publicadas posteriormente em obras póstumas.

Assim, compreendendo o importante papel do movimento contracultural no que diz respeito à criação de novas expressões artísticas, percebemos que o sucesso do movimento se deu tanto em relação à conjuntura política quanto tematicamente, tendo o ideário contracultural, inclusive, antecipado a emergências das visões pós-modernas. E isso ocorreu porque o movimento contracultural se consolidou como uma forma de contestação dos padrões elitistas que estavam vigentes no período, fazendo isso por meio



da criação de novos modelos de vida e de novos padrões comportamentais que criticavam o *modus vivendi* característico das classes dominantes.

Ao analisarmos as poesias de Mário Jorge, é possível encontrar algumas pistas que indicam que sua produção apresenta características do movimento contracultural, pois o discurso underground encontra-se presente em seus versos, tanto em ressignificações dos valores vigentes quanto em críticas à sociedade de classes dominantes que detinham o poder e o controle da cultura.

### **Pistas textuais: breves considerações**

Para entender como vamos detectar as pistas do movimento de contracultura na poesia de Mário Jorge, é necessário, de antemão, compreender o que são essas pistas textuais e como interpretá-las corretamente, de maneira a evitar a superinterpretação. Para fazer isso, vamos nos ater ao objeto de estudo, as poesias de Mário Jorge, para identificar o que está presente no texto, sem exceder, no entanto, os limites do verso.

A interpretação por meio das pistas textuais parte do pressuposto de que o intérprete tem papel ativo na leitura, isto é, trata-se de uma leitura aberta. O que não quer dizer, todavia, que seja uma interpretação sem critérios, mas que parte do diálogo de produção entre autor e leitor, uma vez que o autor entra nessa construção da ideia com as palavras e o leitor entra com o sentido, a fim de construir um todo que contemple exatamente aquilo que as palavras presentes no texto pretendem expressar, sem focar na intenção do autor propriamente dita e tampouco na subjetividade de cada leitor.

O texto, compreendido como um universo de interpretações, possui uma espécie de chave que é fornecida pelo autor para que o leitor possa fazer descobertas de sentidos não literais pertencentes ao texto. Essa chave, no entanto, só poderá ser utilizada pelo leitor modelo, que não é exatamente um sujeito, mas uma abordagem estratégica de leitura, na qual o autor deixa o código presente no texto para que o leitor o decodifique, pois “um texto é um universo aberto em que o intérprete pode descobrir infinitas interconexões” (ECO, 2005, p. 45).

Isso não quer dizer que o intérprete deve sugerir que o autor pretendia com certeza produzir determinadas associações específicas, mas deve despistar aquilo que é potencialmente evocado pelo texto, conferindo, assim, legitimidade de interpretação por um leitor sensível. A missão aqui não é descobrir o propósito do autor por trás do que foi escrito no texto, mas entender que o que o texto diz é interpretado em virtude de sua coerência textual, o que significa dizer que é possível afirmar e embasar determinadas interpretações a partir do que está visivelmente exposto no texto, sem precisar prová-las, necessariamente, mas tendo ciência de que nada as exclui, uma vez que foram assim interpretadas por meio de uma coerência textual.

Outro ponto importante a ser compreendido é a necessidade de se evitar uma interpretação ilimitada, também conhecida como superinterpretação, pois essa gera uma interpretação absurda do texto-objeto, uma vez que cria conclusões que ultrapassam as fronteiras lógicas da argumentação e falham na elaboração de um discurso que seja minimamente razoável sobre o objeto que se está sendo estudado. Quando se faz uma interpretação ilimitada de determinado texto, muitas vezes é com intuito de se aproximar da intenção do autor, do que o autor quis dizer com aquelas palavras, por que o autor usou determinada palavra, em vez de outra. O que Eco nos alerta em seus estudos sobre a interpretação e a superinterpretação é que a intenção do



autor não deve ser usada como validação de determinada interpretação. Entende-se, desse modo, que, não sendo possível acessar a intenção do autor, convém observar e analisar a intenção da obra, a fim de validar uma interpretação coerente já realizada em função da intenção da obra e do que se diz nela.

Partindo da noção de que não temos acesso à intenção de Mário Jorge na construção de suas poesias, conforme já frisado, cabe ao leitor-intérprete decodificar os códigos disponibilizados pelo próprio texto, sendo necessário cruzar o horizonte de expectativa do leitor com o horizonte de expectativa da obra a fim de construir novos significados que transitam e ajudam a compor uma nova perspectiva, pois só assim será possível experimentar a mensagem poética em toda sua expressividade.

Dessa maneira, cabe o entendimento de que o leitor é produzido pela própria obra, o que redireciona a discussão acerca da leitura a partir da interpretação e do efeito que o texto provoca no leitor, uma vez que o seu horizonte de expectativa se mistura com o da obra, permitindo, assim, entender o processo criativo, visto que “entender o processo criativo é entender também como certas soluções textuais surgem por acaso ou em decorrência de mecanismos inconscientes” (ECO, 2005, p. 100).

Nessa proposta da interpretação das pistas textuais, a poesia de Mário Jorge deverá ser explorada em tudo que se apresenta nos versos, atentando-se para as palavras, para a construção e para progressão de ideias presente no texto, sem, entretanto, ultrapassar os limites da coerência textual, a fim de que seja evitada a superinterpretação.

## **A desconstrução como poder**

O conceito de desconstrução surgiu com a necessidade de minar com as correntes hierárquicas que sustentavam o pensamento ocidental, não na perspectiva de destruir esse pensamento ocidental, mas na intenção de romper com a noção da existência de um centro fundante. Para tanto, era preciso fazer um trabalho de reestruturação no interior dos discursos que de certa forma sustentavam esse pensamento, com o intuito de desestabilizá-los para, assim, ampliar seus limites. Ou seja, era um movimento que tinha como propósito desfazer sem, entretanto, destruir o sistema de pensamento hegemônico e dominante.

Nesse contexto, surgem discursos que atuam como força criadora e produtiva, possibilitando que novas ideologias se materializem. No caminho inverso, porém, os discursos também podem ser utilizados para marginalizar ou discriminar outras vertentes de pensamento, e é nessa perspectiva que podemos compreender o discurso como poder e buscar entender de que maneira esse poder deve ser colocado em prática. No que diz respeito ao movimento contracultural e à produção de Mário Jorge dentro desse movimento, é possível percebermos como suas poesias vão de encontro ao pensamento tradicional vigente, caminhando no sentido de criar esse deslocamento do centro, ao priorizar novas formas de cultura, novas formas de pensamento e novas formas de arte.

De acordo com Kruger (2010, p. 143), “a contracultura, a construção das identidades e eclosão dos movimentos sociais configuram uma nova visão do poder [...] apartada do modelo “clássico” centrado na primazia das classes sociais.” Dessa forma,



ao entender o poder e a força que existem dentro do discurso, ele passa a ser regulado, exigindo que aquele que produz o discurso tenha direito a essa enunciação, e esse direito vai ser adquirido pelo papel relevante que o indivíduo representa na sociedade. Seguindo essa perspectiva “o autor não é entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas [...], como unidade e origem de suas significações como foco de sua coerência.” (FOUCAULT, 2006, p. 26).

Fala-se então num processo de leitura crítica, pois ao encararmos a desconstrução como uma prática de leitura crítica torna-se possível perceber o aguçamento do senso crítico com relação aos textos que estão sendo interpretados, bem como o estímulo à criatividade e, com isso, propõe-se uma reconfiguração na estrutura do pensamento moderno. Essa reconfiguração, no entanto, só surgirá a partir da desconstrução que irá gerar um descentramento e, assim, promover toda uma rediscussão acerca da estrutura desse pensamento.

O processo de descentramento compreende a necessidade de dar lugar de destaque às margens, pois era comum atribuir um centro à estrutura, que servia para orientar o equilíbrio e a organização da estrutura, mas quando Derrida (2001) combate essa ideia de estrutura centrada, acaba abalando a dominação do centro, e é quando as margens começam a ocupar esses lugares, visto que “desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia.” (DERRIDA, 2001, p. 48)

Dessa forma, com a ruptura da ideia de estrutura centrada, surge uma abertura revolucionária nos estudos literários, visto que começam a emergir as formas não canônicas ou que outrora eram concebidas como marginalizadas no plano da literatura, seja por situação geográfica, por opressão ideológica ou por qualquer outro fator. Assim, a desconstrução abriu espaço para os estudos de literaturas emergentes ou de grupos minoritários, aderindo a uma ideologia democrática e não preconceituosa, fazendo uso do discurso como poder representativo.

Mário Jorge criou poesias que carregavam fortes traços do movimento de contracultura, seja pela própria forma de estruturação do poema, seja pelo conteúdo crítico dos seus versos e, dessa maneira, caminhou de encontro ao que era concebido como cultura central vigente, ou seja, foi no sentido oposto ao centro fundante, dando voz à literatura antes desprestigiada e utilizando do seu discurso para desconstruir conceitos de política, cultura e sociedade que até então eram encarados como centrais e imutáveis.

É nessa direção que as análises das poesias serão encaminhadas, uma vez que precisamos detectar as pistas textuais nos versos poéticos que acusam o discurso underground e de desconstrução dentro do texto mariojorgiano. Assim, será possível entender, por meio da interpretação, o que há de contracultural e crítico na poética de Mário Jorge e que caminha ao lado da desconstrução derridiana.

## Análises

As poesias de Mário Jorge selecionadas para o momento de análise serão transcritas abaixo a fim de conferir uma melhor visualização do que está sendo interpretado e de quais são as pistas textuais encontradas.



Poesia 1:

Com o renascimento vertiginoso do interesse pelo  
Transcendental explodiu a nova reforma religiosa  
Ocidental: freaks e outros bichos. Magia e ou-  
tros babados. Como encarar o cristo e evitar  
o desbunde? Aonde está a síntese da vida,  
morte, paz, normalidade, iluminação, piração,  
lucidez, amor, tudo tudo tudo tudo?

Teu corpo é teu templo onde as coisas  
Só acontecem na direção do equilíbrio  
Se você curtir a de curti-lo até os  
Limites da imaginação e curtir uma  
Velocidade superior à barreira do silêncio  
ENTENDEU?

Temos nessa primeira poesia algumas pistas que dialogam com o movimento contracultural, como a questão da transcendência que era muito priorizada pelos grupos que praticavam viagens para dentro do próprio ser como forma de transcender. Outra pista que podemos destacar como fonte de interpretação é o olhar para a cultura oriental quando o poeta coloca em reflexão a reforma religiosa ocidental e põe sob ótica também as ideias de equilíbrio e totalidade que são ideias centrais de culturas e religiões orientais.

Ademais, para além do conteúdo da poesia, é possível detectar, em sua estrutura, características da contracultura, uma vez que a produção se afastava do modelo tradicional de rimas e metrficação. Na poesia acima, há rima apenas nas palavras “Transcendental” e “Ocidental”, ambas grafadas inicialmente com letra maiúscula e que são importantes pistas para a interpretação da poesia como produto do movimento contracultural.

O surgimento dos freaks que a poesia cita pode dizer respeito aos grupos e tribos aparentados às ideias do movimento contracultural, entretanto é possível inferir também que esse termo seja ainda mais geral, contemplando não somente aqueles que seguiam o movimento, mas todos aqueles que não se sentiam representados pela cultura ocidental vigente, ou seja, os freaks seriam tidos como os estranhos que não compartilhavam dos mesmos pensamentos centrais da maioria.

É possível identificar também momentos de subversão e ressignificação dentro da poesia, quando Mário Jorge fala, por exemplo, sobre a barreira do silêncio que faz oposição e acaba por subverter a ideia de barreira do som, teoria estudada pela física e que remonta conceitos tradicionais de estudo e trabalho. Dessa forma, ao adaptar um termo utilizado como objeto de estudo por instituições de ensino para que se torne parte da composição de sua poesia contracultural, Mário Jorge ressignifica a realidade, trazendo novas formas de interpretá-la.

Outro ponto que vale a análise é o momento em que o poeta convida seu leitor a “curtir até os limites da imaginação”, pois já foi supracitado que a imaginação fora concebida como principal originalidade histórica da contracultura, então, quando



Mário Jorge incentiva que se atinja esse limite da imaginação, ele retoma os princípios básicos do movimento contracultural, que consistiam justamente em deixar fluir a imaginação junto com o livre fluxo da consciência.

Dessa forma, torna-se fácil entender de que maneira as pistas encontradas pela própria poesia permitem ao leitor identificar o texto mariojorgiano como produto do movimento contracultural e do discurso underground que se fortaleciam no período.

Poesia 2:

Não saia de órbita  
Não caia da moda  
Não suba pro céu  
Aqui dêsse canto  
Encante seu anjo  
Viaje o espanto  
De estar comigo

Se enfeite no lixo  
Não tome mais leite  
Não coma confeite  
Esqueça que existo

Não saia de órbita  
Em torno do mito  
Mantenha essa rota  
Engula esse grito  
E faça o disfarce  
Com roupas da morte  
Do olho infinito

Dentro dessa segunda poesia, podemos identificar, de antemão, pistas que representam crítica às classes dominantes, na terceira estrofe, principalmente no verso “não coma confeite” que aparece como forma de representação da realidade, uma vez que grupos de classe baixa não tinham livre acesso ao confeite, utilizado aqui como simbologia para o luxo, então é uma forma de questionar a classe média e exaltar a realidade das minorias.

A questão da viagem torna a aparecer em versos como “viaje o espanto” e “mantenha essa rota”, porém com significações opostas uma a outra, pois enquanto o primeiro verso trata da viagem transcendental e psíquica de conhecer o interior do ser, o segundo verso puxa o sujeito de volta para a realidade, na qual ele não é permitido a sair da órbita.

O mito é colocado na poesia como oposição à razão, e vale lembrar que o movimento de contracultura tinha como um dos principais ideais ressignificar a racionalidade, sem negar a existência dela, mas dando margem para que fosse pensada





sob uma nova perspectiva e interpretação. Dessa maneira, quando Mário Jorge coloca em sua poesia versos como “não saia da órbita / em torno do mito” é como se ele estivesse convidando seu leitor a sair de um estado de racionalidade fixa e explorar, ou melhor, orbitar a não racionalidade, a nova perspectiva contracultural de encarar a realidade.

Essa poesia traz pistas que nos levam de volta aos estudos do discurso underground que dialogam com os versos, todavia o que aparece de mais evidente nessa poesia é a reflexão que o poeta propõe acerca da alienação da sociedade, que é introjetada desde a infância, visto que as crianças já nascem inseridas num contexto cultural e muitas vezes são direcionadas a enxergar que “nossa cultura particular e suas formas específicas e limitadas são, de alguma maneira, superiores, ou melhores, ou mais objetivas, etc. do que quaisquer outras, pretéritas ou a inventar” (MACIEL, 1973, p. 15).

Dessa maneira, Mário Jorge, bem como outros artistas contemporâneos a ele, se propuseram, por meio de suas criações artísticas, a apresentar novas formas de cultura, novas formas de comportamento, novas crenças, novos costumes, de maneira que fosse conferido poder ao discurso underground e visibilidade ao movimento contracultural que não pretendia erradicar com a cultura ocidental vigente, mas apresentar novas possibilidades culturais àqueles que não se identificavam e/ou não concordavam com o que era colocado como tradicional e central à época.

### Considerações finais

Com base no exposto, torna-se fácil a compreensão acerca das pistas de contracultura na poesia de Mário Jorge, uma vez que nos debruçamos sobre o dito pelo próprio texto a fim de decodificar os códigos deixados pelo poeta, o que não quer dizer que procuramos identificar o que Mário Jorge quis dizer ao escrever os versos das poesias analisadas, mas que procuramos compreender o que o texto quis dizer com o que estava exposto em seus versos. Foi primordial, portanto, que nos afastássemos um pouco dos limites da superinterpretação, com a finalidade de evitar que fossem feitas interpretações absurdas, considerando que o essencial para a interpretação plausível e pautada na coerência textual limita-se àquilo que podemos encontrar nos próprios poemas analisados.

Nessa perspectiva, levando em conta que a busca nos levou a pistas acerca do movimento de contracultura, foi fundamental para o estudo compreender o que foi esse movimento, bem como conhecer o discurso que estava por trás dele. De tal maneira, conseguimos identificar a base e os propósitos do movimento contracultural e, desse modo, foi possível identificar na obra de Mário Jorge o que tinha de semelhante com esses propósitos do movimento, uma vez que investigamos as pistas contraculturais dentro de sua poesia.

Por tudo isso, compreendendo as pistas textuais e sendo capaz de identificar nelas o movimento contracultural, também conseguimos reconhecer as noções de desconstrução que fazem parte da poesia mariojorgiana, uma vez que o poeta faz uso do discurso underground e do movimento de contracultura para desconstruir as ideias tidas como centrais pela cultura vigente, indo de encontro aos conceitos e estruturas de



vida concebidas como tradicionais, a fim de reinventar o estilo de vida, a cultura e aqui, principalmente, a arte e a literatura.

## Referências

- ADELMAN, Miriam. *O reencantamento do político: interpretações da contracultura*. Revista de Sociologia e Política, Paraná, s/v, n. 16, jun, 2001, p. 143-147.
- DERRIDA, JACQUES. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ECO, Humberto. *Interpretação e superinterpretação*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- KRUGER, Cauê. *Impressões de 1968: contracultura e identidades*. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, Maringá, v. 32, n. 2, 2010, p. 139-145.
- MACIEL, Luis Carlos. *Nova Consciência: Jornalismo Contracultural 1970 – 1972*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- PRADO, Thiago Martins Caldas. *Linguagem e temporalidade na poesia de Mário Jorge*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 152. 2005.
- PRADO, Thiago Martins. Mário Jorge: do tempo da revolução ao da regressão. *REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE*. v. 36, p. 193-214, 2007
- PRADO, Thiago Martins. *Utopia política, vanguarda e ritual: linguagem e temporalidade na poesia de Mário Jorge*. Aracaju: Editora UFS, 2008.
- VIEIRA, Mário Jorge. *A noite que nos habita*. Aracaju: Funcaju, 2013.
- ZOUAIN, Ellen. *Contracultura, experiência e juventude*. (Graduação) – Curso de Pedagogia, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, 2019. Disponível em: [https://pedagogia.saomateus.ufes.br/sites/pedagogia.saomateus.ufes.br/files/field/anexo/contracultura\\_experiencia\\_e\\_juventude\\_-\\_ellen\\_zouain\\_-\\_fim.pdf](https://pedagogia.saomateus.ufes.br/sites/pedagogia.saomateus.ufes.br/files/field/anexo/contracultura_experiencia_e_juventude_-_ellen_zouain_-_fim.pdf). Acesso em: 18 mar. 2022.

